

Projeto de Estudos Judaico-Helenísticos - PEJ

Coordenador: Prof. Vicente Dobroruka

Universidade de Brasília
IHD - Dpto. de História
Brasília -DF- 70910-900

www.pej-unb.org

**"O APOCALIPSE DE PAULO DO CODEX V DE NAG
HAMMADI"**

UMESP - VI SEMINÁRIO DE ESTUDOS DE APOCALÍPTICA, 22-24 DE
NOVEMBRO 2005

"VI SEMINÁRIO DE ESTUDOS DE APOCALÍPTICA"

Julio César Chaves

Mestrando em Teologia e Ciências da Religião / Université

Laval

Prof.Dr. Louis Painchaud



Resumo / abstract



O Apocalipse de Paulo do Codex V de Nag Hammadi

Entre os séculos II a.C. e II d.C., o judaísmo produziu um grande volume de literatura religiosa. Um tipo específico desta vasta literatura foi nomeado pelos estudiosos modernos de apocalíptica. A literatura apocalíptica encontrou adeptos, leitores e consumidores em diversas localidades do mundo helenístico, e das mais diferentes manifestações religiosas do mundo antigo. Porém, no caso do cristianismo primitivo, a literatura apocalíptica exerceu um papel importantíssimo e fundamental. Apesar de o cânon cristão apresentar somente dois textos com cunho evidentemente apocalíptico¹, a grande influência deste gênero literário na formação da identidade crista pode ser identificada. Muitos especialistas inclusive, chegaram a detectar na literatura apocalíptica, a matriz judaica do cristianismo².

A grande quantidade de textos não-canônicos cristãos que possuem características apocalípticas e mesmo apocalipses propriamente ditos, demonstra a importância deste gênero na formação da identidade cristã. E mesmo os textos canônicos, como por exemplo, o Apocalipse, texto arquitetado com diversas alusões as escrituras judaicas e que de certa forma se tornou o ícone da literatura apocalíptica, evidenciam a importância da apocalíptica para o cristianismo primitivo³.

¹ O livro de Daniel e o próprio Apocalipse.

² Tal colocação deve ser feita com reservas, mas não há dúvidas que a literatura apocalíptica judaica influenciou largamente a mentalidade e a identidade do cristianismo dos primeiros séculos. Cf. James VanderKam e William Adler (eds.). *The Jewish Apocalyptic Heritage in Early Christianity*. Assen: Van Gorcum / Fortress Press, 1996.

³ VanderKam, por exemplo, reconhece a grande importância da literatura apocalíptica na formação da teologia e identidades cristãs, importância que de certa forma perdura até os nossos dias: "The New Testament itself gives eloquent witness to the heavy influence from



Dentre estes muitos textos apocalípticos cristãos, encontra-se o Apocalipse cóptico de Paulo⁴. Embora pouco conhecido, este texto constitui um excelente exemplo da influência da literatura apocalíptica sobre o cristianismo primitivo. Apesar de não ser um texto canônico, muitos o classificam de herege inclusive, o texto em questão representa uma corrente do cristianismo primitivo, e portanto, é um documento que apresenta elementos da identidade cristã dos primeiros séculos. O objetivo desta comunicação portanto, é de analisar o *Apocalipse de Paulo*⁵, e ainda, demonstrar nele a existência e a utilização de elementos típicos da literatura apocalíptica judaica, discutindo assim, a formação da identidade cristã.

No entanto, antes de proceder ao ApPaulo, convém estabelecer algumas diretivas no tocante a literatura apocalíptica. Não há consenso entre os estudiosos sobre a definição e delimitação da literatura apocalíptica. Rosenstiehl, por exemplo, considera que "a grande parte dos tratados da biblioteca copta de Nag Hammadi possui ensinamentos particulares e revela conhecimentos escondidos: no sentido genérico da palavra eles merecem o título de apocalipse"⁶. Todavia, esta comunicação não trata apocalipse simplesmente como uma revelação, mas como um gênero literário, um conjunto de textos que partilham

Jewish Apocalypticism. Several passages in it qualify as apocalypses (e.g., the Synoptic Apocalypses), and apocalypse as the name of a literary genre comes from the Greek title of The Revelation of John. But the legacy of the Jewish apocalypses by no means ended with the New Testament period; it continued in varied ways for centuries and has left a permanent imprint on Christian theology". Cf. VanderKam e Adler, op.cit. p.11.

⁴ NH V,2. Não confundir com o *Apocalipse apócrifo de Paulo*.

⁵ A partir de agora designado apenas como ApPaulo.

⁶ Jean-Marc Rosenstiehl. *L'apocalypse de Paul. Introduction*. Bibliothèque Copte de Nag Hammadi. Québec / Louvain / Paris: Presse de l'Université Laval / Peeters, 2005. P.14.



características comuns, apesar de suas diferenças cronológicas, lingüísticas e doutrinárias.

Empregarei, portanto, neste trabalho, a definição proposta por John J. Collins, definição esta que, apesar da falta de consenso, torna-se a cada dia a mais aceita e utilizada:

*Apocalipse é um gênero de literatura revelatória com uma estrutura narrativa, na qual a revelação é mediada por um ser do outro mundo a um receptor humano, revelando uma realidade transcendente que é simultaneamente temporal, na medida em que busca salvação escatológica, e também espacial, na medida em que envolve outro mundo.*⁷

Collins ainda propõe uma divisão entre os apocalipses: os que possuem uma viagem ao além; e os que não possuem. O texto em questão possui tais características e se trata, portanto, de um apocalipse, mais precisamente, um apocalipse de viagem ao além. No decorrer desta comunicação veremos por que. E mesmo adotando a definição proposta por Collins, esta comunicação no entanto, não exclui a contribuição de outros estudiosos no tocante a literatura apocalíptica. Considero que os comentários de Vielhaeur em relação aos apocalipses judaicos de ascensão, por exemplo, são bastante pertinentes ao estudo e análise do ApPaulo. Portanto, no momento oportuno, farei considerações apoiadas nos comentários de Vielhauer.

O ApPaulo é um dos livros que compõe o codex V da biblioteca copta de Nag Hammadi. Tal biblioteca é um conjunto de textos antigos, a grande maioria de cunho religioso e espiritual, encontrada no ano de 1945, nas proximidades da cidade egípcia de Nag Hammadi. Todos os

⁷ John J. Collins. *Daniel, with an Introduction to Apocalyptic Literature*. Grand Rapids: Eerdmans, 1984. P.4.



textos encontram-se escritos em cóptico, a língua egípcia do período romano. Esta cópia de Nag Hammadi é a única conhecida.

Na ocasião da descoberta em 1945, os textos de Nag Hammadi foram considerados pelos especialistas e estudiosos como um conjunto de textos gnósticos. Foi grande a euforia pelo achado de um volume tão grande de textos que parecia pertencer ao gnosticismo, tão falado e comentado pelos Padres da Igreja. No entanto, com o decorrer dos anos, as pesquisas foram demonstrando que na verdade, nem todos os textos de Nag Hammadi poderiam ser considerados gnósticos. Alguns textos não são completamente gnósticos, como o *Diálogo do Salvador* (NH III, 5), por exemplo, e outros, não são gnósticos de modo algum, como, por exemplo, o *Fragmento da República de Platão* (NH VI, 6). Portanto, hoje é preferível falar-se em uma biblioteca monástica, do que em uma biblioteca gnóstica.

Hoje em dia, uma das grandes discussões sobre o gnosticismo diz respeito a sua definição e a utilização do termo. O gnosticismo foi durante muito tempo considerado pelos estudiosos como uma heresia do cristianismo. No entanto, o nome "gnosticismo", é uma denominação moderna. Em momento algum na antiguidade, houve um grupo ou religião que se denominasse gnóstica ou gnosticismo, tal qual nós entendemos tais denominações. Porém, na antiguidade, segundo o testemunho de alguns heresiólogos, alguns grupos se designavam como "gnósticos". No entanto, tal designação não se apresentava necessariamente como uma oposição ao cristianismo, mas na verdade, como oposição a cristãos de categoria inferior. Na história do cristianismo, e mesmo do judaísmo, encontra-se em diferentes épocas, grupos que se compreendem superiores por conhecer mais que outros. Para



Clemente de Alexandria, um autor que nunca foi considerado herético, o cristão perfeito deveria ser "gnóstico".

Esta denominação, no entanto, com o sentido pejorativo e de heresia, em oposição ao cristianismo, é fruto das análises dos heresiólogos, que mesmo reconhecendo a diversidade de doutrinas "gnósticas" rotularam tudo como uma heresia que buscava a salvação pelo conhecimento (gnose). Todavia, apesar da grande discussão, e mesmo da proposição de alguns estudiosos de se parar de utilizar a palavra "gnosticismo", esta comunicação trabalhará com o critério.⁸ Portanto, consideremos que apesar da dificuldade na definição e utilização da palavra "gnosticismo", o ApPaulo é um texto gnóstico, mais precisamente, um texto valentiniano⁹.

O valentianismo é considerado uma ramificação de motivações cristãs do gnosticismo. Este nome provém de Valentino, teólogo e erudito cristão da primeira metade do séc.II. Natural do Delta do Nilo, educou-se em Alexandria e depois mudou-se para Roma. Segundo os relatos dos heresiólogos, sua doutrina e seus ensinamentos teriam dado origem a uma ramificação do cristianismo primitivo, ramificação esta que foi espalhada e aprimorada por diversos de seus discípulos. O valentianismo, diferentemente de algumas outras "doutrinas" gnósticas, destaca-se pelo seu caráter nitidamente cristão. Alguns textos de Nag Hammadi bem conhecidos, como o Evangelho de Felipe, por exemplo, são considerados, grosso modo, como

⁸ Para mais informações a este respeito cf. Karen King. *What is Gnosticism*. Cambridge: Harvard University Press, 2003.

⁹ A maioria dos especialistas assim o considera. No entanto, alguns estudiosos, como Daniélou, por exemplo, não considera que o ApPaulo seja ao menos um texto gnóstico. Cf. Jean Daniélou. *Bulletin d'histoire des origines Chrétiennes*. ReCSR 54, 1966. P.288. Rosenstiehl não o considera um texto gnóstico, enquanto que Michael Kaler o considera valentiniano.



textos valentinianos. É o caso igualmente do nosso texto, o ApPaulo.

A data exata de composição do ApPaulo não pode ser determinada. Porém, nada indica que seja uma obra posterior ao século II d.C. O texto encontrado em Nag Hammadi, no entanto, é provavelmente uma tradução feita em meados do século IV. Como já dito, todos os textos de Nag Hammadi encontram-se escritos em cóptico, no caso específico do ApPaulo, e dos demais textos do codex V, um dialeto cóptico do sul do Egito, o saídico. O texto está relativamente bem preservado, com exceção do início, onde existem algumas lacunas que dificultam um pouco o entendimento.

No início do texto, Paulo se dirige a Jerusalém e no caminho se encontra com uma criança. A criança interroga Paulo e o leva em uma jornada pelos céus, chegando com ele até o décimo céu. O texto apenas menciona a passagem de Paulo pelos três primeiros céus e depois começa a narrar a passagem e as visões do apóstolo nos céus posteriores. Paulo presencia, em sua ascensão, o julgamento das almas no quarto céu e anjos levando almas para serem julgadas no quinto céu. O sexto céu é iluminado por uma forte luz que vem do alto e, no sétimo céu, Paulo se encontra com a figura de um ancião brilhante que tenta barrar sua ascensão aos demais níveis celestes. Paulo continua sua ascensão, no entanto, passando pelo oitavo, onde encontra os apóstolos que lhe saúdam, e nono céus até chegar ao décimo céu, onde cumprimenta seus companheiros espíritos¹⁰.

O ApPaulo faz parte do codex V de Nag Hammadi. Este codex, devido à presença de quatro outros textos que possuem características apocalípticas (Eugnostos, o

¹⁰ Julio C. Chaves. "O Apocalipse cóptico de Paulo e sua relação com a literatura apocalíptica judaica" in: *Revista Eletrônica do Grupo Oracula de Pesquisas em Apocalíptica Judaica e Cristã*. Vol.2. São Bernardo do Campo: UMESP, 2005.



abençoado), ou o título de apocalipse (*1 e 2 Apocalipses de Tiago*) e ainda um último texto que se trata verdadeiramente de um apocalipse (*Apocalipse de Adão*), ganhou dos especialistas o nome de "codex apocalíptico". Como quatro dos cinco textos deste codex, o *Apocalipse de Paulo* possui a palavra "apocalipse" em seu título. Trataremos esta questão do título mais tarde.

O primeiro elemento que chama atenção no codex V, é claro da apocalíptica. Para Françoise Morard, esta unidade não é coincidência. Para ela, o codex V em seu conjunto se apresenta como uma exposição de uma revelação, uma espécie de iniciação ao conhecimento necessário para a salvação.¹¹ Assim sendo, cada texto presente no codex V revelaria uma etapa do que é necessário ao gnóstico para atingir a salvação.

No entanto, apesar dos elementos cristãos, o gnosticismo não apresenta as mesmas crenças em relação ao ramo do cristianismo primitivo que viria a se tornar majoritário nos séculos seguintes, aqui chamado de ortodoxo. São muitas as variações do chamado mito gnóstico. Como já dito, existiram várias doutrinas rotuladas de gnósticas, cada uma delas com uma interpretação particular do mito da criação do mundo e do homem. Apesar desta grande variedade, é possível delinear elementos comuns a essas doutrinas¹².

¹¹ Françoise Morard. "Les apocalypses du codex V" in: Louis Painchaud e Anne Pasquier (eds.). *Les Textes de Nag Hammadi et le problème de leur classification*. Québec / Louvain / Paris: Presse de l'Université Laval / Peeters, 1995. P.343.

¹² O primeiro estudioso a detectar a arbitrariedade de um rótulo único de "gnosticismo" foi Hans Jonas. Ele procura em sua obra definir os traços básicos do gnosticismo. Ele mesmo admite, porém, a arbitrariedade que tal definição pode ter. Jonas identifica uma grande variedade de grupos gnósticos e acaba por afirmar que não se pode falar de uma doutrina gnóstica senão como abstração. De qualquer modo, ele procura delimitar o que ele chama de "mito básico", um esboço do que poderia ser uma doutrina gnóstica a luz das fontes de que ele dispunha na época. (Cf. Hans Jonas. *The Gnostic Religion: the Message*



As diferenças entre o gnosticismo e o cristianismo ortodoxo começam em relação à figura divina. Para os gnósticos, o Deus judeu, o Pai e Deus supremo para os cristãos ortodoxos, não passaria na verdade, do criador do mundo material, ou usando a terminologia platônica, o Demiurgo. Existiria, todavia, um Deus supremo, o Pai Eterno, verdadeiro Deus. O Demiurgo seria ignorante e não teria conhecimento da existência do Deus supremo. O Demiurgo então, cria o mundo material e o homem, dotando-o apenas de um princípio animador (*psyché*). O Deus verdadeiro, sem a ciência do Demiurgo, teria então, insuflado no homem primordial, Adão, um espírito (*pneuma*). Portanto, para o gnóstico, a salvação consistiria no retorno, após a morte corporal, ao reino celeste do verdadeiro Deus. E para se salvar, o homem precisa do conhecimento (gnose) de que é em essência pertence a outro mundo, de que é pneumático e não somente material. No entanto, após a morte, o gnóstico deve antes de chegar ao reino do Deus supremo, passar pelas camadas aéreas dominadas pelo Demiurgo e pelos seus arcontes ou anjos. O caminho para chegar ao reino do Pai eterno é a ascensão, passando pelo Demiurgo e seus anjos.

Assim sendo, o ApPaulo, como segundo texto do codex V, tem o seu papel neste conjunto. O ApPaulo seria nesse sentido, um estereótipo da ascensão gnóstica que tem como protagonista o apóstolo Paulo, figura importantíssima do cristianismo, inclusive para os gnósticos. Portanto, o nosso texto seria a demonstração da segunda etapa do caminho da salvação para o gnóstico. É um exemplo de

of the Alien God and the Beginnings of Christianity. Boston: Beacon Press, 1958). Em uma tentativa semelhante, Layton procura resumir o mito gnóstico. Este trabalho segue tal explicação. Cf. Bentley Layton. *The Gnostic Scriptures: a New Translation with Annotations and Introductions*. Garden City: Doubleday, 1987.



ascensão, no qual o visionário, e personagem, passa direto, sem participar, pelos julgamentos de almas impostos pelo Demiurgo e seus anjos, aos homens que não tem conhecimento de sua condição de seres espirituais (pneumáticos), que pertencem em essência ao reino do Deus supremo.

O ApPaulo nunca recebeu muita atenção dos estudiosos, nem dos da apocalíptica, nem dos do gnosticismo. Talvez por ser um texto pequeno, menos de oito páginas manuscritas de um total de 1249 em Nag Hammadi, o ApPaulo tem passado relativamente despercebido pelos especialistas. Normalmente, fala-se do ApPaulo no conjunto de textos de Nag Hammadi, como no caso do trabalho de Francis T. Fallon sobre os apocalipses gnósticos,¹³ ou nas traduções comentadas dos textos de Nag Hammadi¹⁴.

A primeira referência ao ApPaulo foi feita por Henri-Charles Puech, em 1950, mas igualmente no quadro geral dos textos de Nag Hammadi¹⁵. A primeira discussão, no entanto, somente foi feita por Doresse em 1958¹⁶. Todavia, o comentário é curto, e o autor não parece ter efetivamente lido o texto, pois diz, por exemplo, que Paulo menciona somente sete céus.

A primeira edição do ApPaulo data de 1963, no conjunto da edição dos textos do codex V de Böhlig e Labib¹⁷, precedida de uma breve introdução comentada, na qual

¹³ O trabalho de Fallon em *Semeia*, trata-se somente de uma breve explicação da literatura apocalíptica dita gnóstica, em relação às diretrizes apontadas por Collins na tentativa de definir a literatura apocalíptica, bem como de um breve resumo comentado dos textos gnósticos considerados apocalípticos. Não há portanto, nenhum interesse específico no ApPaulo. Cf. Francis T. Fallon. "The Gnostic Apocalypses" in: John J. Collins (org.). *Semeia* 14. Missoula: Scholars Press, 1979. Pp.123-158.

¹⁴ Como no caso da edição de Robinson, por exemplo.

¹⁵ Um artigo nomeado "les nouveaux écrits gnostiques découverts en Haute-Égypte". Cf. Kaler, op.cit. p.117.

¹⁶ J. Doresse. *Les livres secrets des gnostiques d'Égypte*. Vol.1. Paris: Plon, 1958. Pp.152-154.

¹⁷ Cf. Kaler, op.cit. p.117.



argumenta-se que o texto apresenta forte influência helenística. Em 1965, dois trabalhos discutem as idéias apresentadas por Böhlig, o de Kasser e um de Rudolph. Ambos, porém, não discutem especificamente nosso texto, mas o trabalho em geral, e no caso específico de Rudolph, apenas um parágrafo é dedicado ao nosso texto¹⁸.

Desde então, alguns trabalhos foram dedicados ao ApPaulo. Destaque para a primeira discussão ampla, feita por William Murdock em sua tese de doutorado, em 1968. Este trabalho apresentou também, a primeira tradução em inglês do ApPaulo.¹⁹ Dentre outras coisas, Murdock classifica o texto como valentiniano, destaca a apropriação das características da apocalíptica judaica e expõe as similaridades com o trecho de Irineu sobre a ascensão de Paulo e os gnósticos. Em 1976, George MacRae escreveu um artigo chamado "The Judgment Scene in the Coptic Apocalypse of Paul", no qual destaca os paralelos entre o nosso texto e o *Testamento de Abraão*.

Recentemente, a dissertação de mestrado de Michael Kaler (2002) destaca-se entre os novos estudos específicos sobre o ApPaulo. Uma outra publicação que conta com a participação de Michael Kaler é a tradução crítica em francês, da coleção *Bibliothèque Copte de Nag Hammadi*²⁰. Esta edição é excelente e apresenta uma nova tradução, que discute e oferece novas alternativas para passagens problemáticas.

Após esta breve história da pesquisa, podemos proceder à discussão do texto.

Existe certo consenso que o ApPaulo é um texto que se apóia no relato de 2Co 12:2-4 no qual o apóstolo diz que

¹⁸ Idem, pp.117-118.

¹⁹ Ibid. p.119.

²⁰ Kaler é responsável pelos comentários; a introdução e tradução do texto são trabalho de Rosenstiehl.



conhece alguém que foi arrebatado ao terceiro céu. Segue o trecho em questão:

Conheço um homem em Cristo que, há quatorze anos, foi arrebatado ao terceiro céu - se em seu corpo, não sei; se fora do corpo, não sei; Deus o sabe! E sei que esse homem -se no corpo ou fora do corpo, não sei; Deus o sabe! - foi arrebatado até o paraíso e ouviu palavras inefáveis, que não é lícito ao homem repetir.²¹

Apesar de este trecho ser narrado em terceira pessoa, a tradição cristã sempre considerou que o visionário em questão seria o próprio Paulo. Este trecho deu origem a um outro texto cristão de características apocalípticas, nomeado pelos especialistas de Apocalipse de Paulo. No entanto, este texto tem seu título em latim como *Visio Sancti Pauli*, e não corresponde de modo algum ao nosso texto. Ele apresenta uma doutrina bem diferenciada, mais próxima do cristianismo ortodoxo, e, apesar de seguir a mesma tradição que considera que o apóstolo Paulo foi o visionário da ascensão narrada em 2Co, não possui outras características que o aproximem do ApPaulo.

Um texto importantíssimo, mesmo fundamental, para o estudo e compreensão do gnosticismo, *Adversus Haereses*²² de Irineu de Lião, demonstra que já no séc.II, a tradição cristã considerava que o próprio apóstolo Paulo era o personagem da ascensão narrada brevemente por ele mesmo em 2Co: "Que no céu haja criaturas espirituais o proclamam todas as Escrituras e Paulo atesta que são espirituais quando diz que foi arrebatado ao terceiro céu e, pouco depois, revela ter sido levado ao paraíso e ter escutado

²¹ Todos os textos bíblicos são da Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Ed. Paulus, 2000.

²² *Contra as Heresias (Adversus Heareses)* de Irineu de Lyon, é uma das obras fundamentais para o estudo do gnosticismo.



palavras inefáveis que o homem não pode pronunciar”²³. Portanto, é totalmente aceitável, afirmar que o ApPaulo refere-se ao texto de 2Co.

No entanto, uma breve leitura do ApPaulo é suficiente para demonstrar que a interpretação do trecho de 2Co feita pelo nosso autor é deveras diferente da interpretação de Irineu. O autor do ApPaulo considera que a ida até o terceiro céu é somente o início da jornada, e que o paraíso, ao contrário do que pensou Irineu, não viria logo após o terceiro céu, mas depois de vários outros níveis celestes. E são exatamente esses níveis celestes que são vistos e descritos pelo nosso visionário.

MacRae e Murdock no comentário introdutório do ApPaulo²⁴ extrapolam o texto de Irineu dizendo que segundo ele, havia uma tradição gnóstica que interpretava a experiência de Paulo em 2Co. No entanto, o trecho em questão de *Contra as Heresias* não deixa claro que Irineu conhecia tal tradição. Ele na verdade utiliza o relato do apóstolo para tentar desbancar o postulado gnóstico da existência de vários céus e do Demiurgo, abaixo do Deus verdadeiro. Portanto, nada pode demonstrar com clareza que Irineu tinha conhecimento da existência do ApPaulo, mesmo porque ele não cita o texto nem direta, nem indiretamente. No entanto, poder-se-ia formular uma outra hipótese, que o ApPaulo seria uma tentativa dos gnósticos de refutar Irineu, demonstrando que na verdade, o trecho de 2Co que o Bispo de Lyon utiliza para justificar sua idéia, foi mal interpretado, e que o apóstolo Paulo viajou a vários céus, passando pelo Demiurgo e chegando ao reino espiritual. De qualquer modo, nada pode afirmar com segurança que o ApPaulo e o trecho em questão de *Adv. Haer.* tenham alguma

²³ *Adversus Heareses*, II, 30.7.

²⁴ Cf. Robinson, *op.cit.* p.257.



relação direta fora o relato da ascensão de Paulo em 2Co²⁵. Mas se pode afirmar, no entanto, que ambos os textos, o trecho de *Adv. Haer.* e o ApPaulo são testemunhos de uma discussão que aconteceu no séc.II entre grupos cristãos, valentinianos de um lado, e proto-ortodoxos de outro, sobre o processo visionário de Paulo em 2Co.

Outro texto bíblico que parece ter inspirado a composição do ApPaulo é Gl 1:15-17. No trecho em questão, Paulo diz que não subiu a Jerusalém para encontrar os apóstolos. E é exatamente este o contexto do início do ApPaulo, no momento do encontro com o menino, Paulo se dirigia a Jerusalém, mas é interrompido pelo encontro e pelo processo de ascensão. Neste mesmo trecho, o apóstolo diz: "Quando, porém, aquele que me separou desde o seio materno e me chamou por sua graça, houve por bem revelar em mim seu filho, para que eu o evangelizasse entre os gentios [...]". Este trecho é uma alusão Jr 1:5²⁶ e Is 49:1²⁷ e 49:5²⁸. Além disso, encontra-se um paralelo no ApPaulo, no qual o menino fala a Paulo: "Eu sei quem tu és, Paulo: tu és aquele que foi benzido desde o ventre (seio) de sua mãe"²⁹.

Após estas colocações gerais sobre a literatura apocalíptica e sobre o ApPaulo, podemos proceder à

²⁵ Um excelente artigo sobre o assunto é de Michael Kaler et alii (orgs.). "The Coptic Apocalypse of Paul, Irenaeus' *Adversus Haereses* 2.30.7, and the Second-Century battle for Paul's legacy" in: *Journal of Early Christian Studies*. 12:2. 2004.

²⁶ "Antes mesmo de te formar no ventre materno, eu te conheci; antes que saíesses do seio, eu te consagrei. Eu te constituí profeta para as nações".

²⁷ "Ilhas, ouvi-me! Povos distantes, prestai atenção! Desde o seio materno Iahweh me chamou, desde o ventre de minha mãe pronunciou o meu nome".

²⁸ "[...]aquele que me modelou desde o ventre materno para ser seu servo [...]".

²⁹ NH V 2: 18.14-17. A tradução de todos os trechos do ApPaulo utilizados nesta comunicação é minha, baseada no texto cóptico estabelecido por Rosenstiehl. Cf. Rosenstiehl, op.cit.



identificação e explicação das características apocalípticas no nosso texto.

Começamos pelo título. O texto em questão possui o título de "apocalipse" no manuscrito encontrado em Nag Hammadi. Apesar de não ser possível visualizar o título no início do texto, devido à decomposição do manuscrito, este se encontra claramente escrito no final. Esta é habitualmente a norma em Nag Hammadi, um título no início e no fim do texto³⁰.

Ou seja, o título de "apocalipse" é o primeiro indício que permite considerar que o nosso texto seja um apocalipse. Collins falando da apocalíptica judaica explica que "o gênero apocalipse não era claramente reconhecido e rotulado na antigüidade"³¹. E de fato, os textos que hoje são considerados apocalipses não possuem o título de "apocalipse" propriamente dito. Mas como tratar da questão em Nag Hammadi? Existem cinco textos em Nag Hammadi que possuem claramente o título de apocalipse, inclusive o nosso, nomeado de Apocalipse de Paulo. E no caso específico de alguns tratados, como o *Apocalipse de Pedro*, por exemplo, existe o título de "apocalipse" no manuscrito, mas o texto não corresponde verdadeiramente à definição proposta por Collins.

Apesar de o ApPaulo apresentar-se como um texto do início da história do cristianismo, ele é também um texto que representa um estágio avançado da literatura apocalíptica. Os primeiros "apocalipses" datam do séc.III a.C. O ApPaulo é um texto composto em meados do séc.II, e

³⁰ Pelo menos dez textos em Nag Hammadi têm o título no início e no fim. Cf. Paul-Hubert Poirier. "Titres et sous-titres, incipit et desinit dans les coptes de Nag Hammadi et Berlin: description et éléments d'analyse" in: Jean-Claude Fredouille (ed.). *Titres et articulation du texte dans les ouvrages antiques: Actes du Colloque International de Chantilly 13-15 décembre de 1994*. Paris: Institut d'Études Augustiniennes, 1997. Pp.339-383.

³¹ Collins, op.cit. p.3.



nossa cópia de Nag Hammadi data do séc.IV. Portanto, não seria absurdo afirmar que ao menos para os cristãos do séc.IV em diante, a apocalíptica representava uma espécie de gênero literário, algo que pode ser evidenciado pelos títulos dados a alguns textos, e ainda, pela presença de características comuns nestes textos chamados de apocalipses.

A questão do título no entanto, não é simples como parece. Os textos encontrados em Nag Hammadi são traduções feitas a partir do grego. Portanto, não podemos afirmar com segurança, se o título existente na cópia de Nag Hammadi fazia parte da composição original, ou mesmo de outras cópias em grego ou cóptico. Emmel³² supõe que existam quatro estágios de transmissão dos textos de Nag Hammadi: o estágio de pré-composição; o estágio de composição em grego; o estágio de tradução (do grego para o cóptico) e finalmente, o estágio monástico cóptico. Portanto, não há como saber exatamente em que estágio de transmissão o título de "apocalipse" foi dado ao nosso texto³³.

Como dito anteriormente, o ApPaulo representa de certa forma, um estereótipo da ascensão gnóstica. Paulo, um ícone para os cristãos dos primeiros séculos, o apóstolo dos gentios, é o personagem da jornada celeste. Ele passa por vários céus, vê os anjos julgando as almas, mas continua sua jornada. No sétimo céu ele se depara com um ancião que tenta barrá-lo, mas guiado pela criança, Paulo continua sua jornada até chegar ao décimo céu e contemplar e saudar os espíritos. Assim sendo, podemos considerar que esta ascensão representa o caminho que o gnóstico deve seguir

³² Stephen Emmel. "Religious tradition, textual transmission, and the Nag Hammadi codices" in: Turner e Maguire. *The Nag Hammadi Library after fifty years*. Leiden, 1995.

³³ Para uma discussão detalhada sobre a questão dos títulos em Nag Hammadi cf. Poirier, op.cit.



para chegar ao paraíso, a morada do Deus supremo, após a sua morte corporal.

No entanto, apesar de o ApPaulo representar este estereótipo da ascensão gnóstica, ele se baseia nos apocalipses judaicos de viagem ao além mais do que qualquer outro apocalipse gnóstico conhecido.³⁴ Fallon³⁵ em seu trabalho sobre a apocalíptica gnóstica, destaca algumas particularidades desta última em relação a apocalíptica judaica e mesmo a cristã. Na apocalíptica gnóstica, diferentemente da apocalíptica judaica, há uma ênfase nos discursos ou diálogos revelatórios feitos pelos mediadores celestes. Enquanto na apocalíptica judaica, a importância repousa sobretudo nas visões fantásticas e escatológicas, na apocalíptica gnóstica, as visões não são muito importantes, mas sim a revelação feita pelo intermediário.

No entanto, o ApPaulo é um exceção. Há uma grande ênfase dada às visões do apóstolo em sua jornada, como no julgamento das almas no quarto e no quinto céu, bem como do ancião no sétimo céu. Portanto, considerando estas particularidades da apocalíptica gnóstica e a importância dada as visões no ApPaulo, não é absurdo considerar que nesse sentido, nosso texto se aproxima bastante da apocalíptica judaica.

Seguindo as diretrizes apontadas por Rosenstiehl e adotadas por Kaler, podemos dizer que o ApPaulo compartilha algumas características próprias aos apocalipses judaicos de ascensão³⁶. Seriam elas:

1. Pseudonímia;

³⁴ Kaler, op.cit. p.17.

³⁵ Fallon, op.cit. pp.123-158.

³⁶ Rosenstiehl, op.cit. pp.15-16. Os comentários de Rosenstiehl em relação ao ApPaulo e os apocalipses judaicos de ascensão são baseados nas diretrizes apontadas por Vielhauer. Cf. Philip Vielhauer. *Geschichte der Urchristlichen Literatur*. Berlin: de Gruyter, 1975.



2. Um fundamento bíblico como pretexto;
3. Incerteza por parte do visionário em relação à experiência - i.e. se ela teria ocorrido corporeamente ou fora do corpo;
4. A presença de um emissário ou mediador divino;
5. A viagem a vários céus e o retorno do visionário à terra após ter-lhe sido designada uma missão especial.

Começamos então, a discutir e explicar estas características.

A pseudonímia não é uma característica particular da literatura apocalíptica. Diversos outros gêneros literários da antiguidade fizeram uso da pseudoepigrafia. O que hoje pode ser visto e entendido como fraude, era na antiguidade uma prática literária corrente.³⁷ No caso específico da literatura apocalíptica, a pseudonímia pode ser entendida como *fraude pia*, ou seja, uma tentativa do autor de delegar ao texto autoridade, por meio da atribuição da autoria a uma figura de peso do judaísmo ou do cristianismo.³⁸ A pseudonímia está presente em todos os apocalipses judaicos hoje conhecidos. A grande maioria dos apocalipses cristãos conhecidos também é pseudonímica³⁹.

Os apocalipses judaicos, por exemplo, são sempre atribuídos a uma importante figura do judaísmo como Enoch, Moisés ou Baruch. No caso do nosso texto, não poderia ser diferente. A autoria do ApPaulo é atribuída a uma das figuras mais importantes do cristianismo primitivo, Paulo

³⁷ Cf. por exemplo Ithamar Gruenwald. *From Apocalypticism to Gnosticism.*, Frankfurt: Peter Lang, 1988. P.24.

³⁸ Vicente Dobroruka. "Preparação para visões na literatura apocalíptica: algumas considerações" in: *Estudos de Religião*. Vol.24. São Bernardo do Campo: UMESP, 2003. P.4.

³⁹ A exceção parece ser o próprio Apocalipse. Para uma discussão mais aprofundada do assunto cf. Adela Y. Collins. "The Apocalypse (Revelation)" in: *The New Jerome Biblical Commentary*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1990.



de Tarso⁴⁰. A figura de Paulo era de extrema importância, tanto para os cristãos ortodoxos quanto para gnósticos. Esta comunicação inclusive, já discutiu a "batalha"⁴¹ do séc.II travada entre vários grupos cristãos, pelo legado do apóstolo. A disputa entre Irineu e os gnósticos é um exemplo desta "batalha". Portanto, um texto atribuído a Paulo denota verdadeiramente a vontade do autor de delegar autoridade a sua mensagem.

O segundo ponto diz respeito a um fundamento bíblico como pretexto. O exemplo clássico na apocalíptica judaica diz respeito a Enoch⁴². O patriarca é mencionado somente em um pequeno trecho de Gn 5:18-22). O trecho que nos interessa aqui é ainda mais curto:

*Henoc andou com Deus [...] Toda a duração da vida de Henoc foi de trezentos e sessenta e cinco anos. Henoc andou com Deus, depois desapareceu, pois Deus o arrebatou.*⁴³

Enoch distingue-se dos demais patriarcas primeiramente porque vive menos, trezentos e sessenta e cinco anos, o mesmo número de dias do calendário solar, e também, por ter andado com Deus e ao final de sua vida ter sido arrebatado aos céus. Essa passagem, parece ser o pretexto para uma série de textos apocalípticos compostos na antiguidade que foram atribuídos a Enoch. Essa série de textos tem três componentes principais: o *Livro etiópico de Enoch* (1En); o *Apocalipse eslavônico de Enoch* (2En) e o *Apocalipse*

⁴⁰ Apesar de a narrativa variar entre a primeira e a terceira pessoa; MacRae e Murdock atribuem tal fato a falta de cuidado do autor. Cf. James Robinson (ed.). *The Nag Hammadi Library in English*. Leiden / New York / Köln: Brill, 1996. Pp. 256-257. O visionário Paulo é também tido como o autor do texto.

⁴¹ Tomando emprestada a expressão utilizada por Michael Kaler.

⁴² A *Bíblia de Jerusalém* utiliza *Henoc* como tradução, o que parece vir do espanhol. Esta comunicação prefere utilizar *Enoch*.

⁴³ Gn 5:22-24.



hebraico de Enoch (3En). Este conjunto de textos atribuídos à figura do patriarca Enoch não pode ser analisado de uma maneira homogênea. São textos que foram compostos e consumidos em conjunturas, línguas e momentos diferentes. No entanto, eles possuem algo em comum, além da apocalíptica: o trecho do capítulo 5 do Gênesis como pretexto.

Da mesma forma, o *ApPaulo* utiliza textos bíblicos como pretexto. Os textos bíblicos em questão são os já citados trechos de 2Co (12:2-4) e Gl (1:13-17). No trecho de 2Co em específico, Paulo exprime sua incerteza sobre a natureza de sua jornada, se ele teria acontecido dentro ou fora do corpo. O *ApocPaulo* responde este ponto indiretamente, quando Paulo olha para baixo e vê, dentre outras coisas, a si mesmo, o que demonstra que ele teria ascendido fora de seu corpo. Neste ponto, o *ApPaulo* aproxima-se bastante da tradição judaica. Como já exposto anteriormente nesta comunicação, a ascensão constitui um tema importante no gnosticismo. No entanto, a ascensão acontece normalmente depois da morte física, quando o espírito deve buscar subir ao reino do Deus supremo, passando pelos arcontes e pelo Demiurgo. Nesse sentido, a ascensão possui um caráter soteriológico no mito gnóstico. Mas no caso do *ApPaulo*, a ascensão acontece enquanto o apóstolo ainda está vivo, ou pelo menos, nada permite que se pense o contrário,⁴⁴ aproximando-o assim, da tradição judaica. Gruenwald aponta um paralelo entre a ascensão gnóstica e o misticismo *merkavah* judaico. Neste último, havia uma grande tradição de experiências visionárias ascensionais que ocorreriam durante a vida do visionário⁴⁵.

⁴⁴ Mesmo porque uma missão lhe é designada.

⁴⁵ Gruenwald, op.cit. p.193.



A presença de um ser celeste que faz o papel de mediador da revelação é fundamental na literatura apocalíptica. Geralmente, no caso da apocalíptica judaica, este mediador é um anjo, mas pode ser também um ser do pleroma, no caso da apocalíptica gnóstica, ou Jesus, no caso de alguns textos cristãos e gnósticos.

São muitos os exemplos, e não só nos apocalipses de viagem ao além. A literatura apocalíptica judaica e a cristã são repletas de anjos funcionando como mediadores da revelação e que participam dos acontecimentos. O chamado "Livro dos vigilantes" no *Livro etiópico de Enoch* constitui um bom exemplo. Mas como já foi dito, a presença de um mediador é capital para a revelação apocalíptica judaica, portanto, pode-se considerar que todos os apocalipses judaicos conhecidos contêm de certa forma, um ser celeste como mediador.

O nosso texto também possui um mediador celeste. Ele aparece logo no início do texto na forma de uma pequena criança, mas se revela posteriormente como sendo o Espírito Santo. A criança convida Paulo a partir na jornada e o acompanha, intercedendo em momentos cruciais do texto, como no momento em que o apóstolo encontra-se com o ancião no sétimo céu. Sem a criança, Paulo não seria capaz de enfrentar o ancião e continuar a sua jornada. É o mediador que torna possível a continuação da ascensão de Paulo, demonstrando assim, sua importância crucial para o desenrolar da revelação.

Finalmente, falemos dos vários níveis celestes pelos quais Paulo passa. Como no caso de outros apocalipses de ascensão, o nosso visionário passa por diversos níveis celestes. Suas visões não se concentram em um determinado nível, mas à medida que ele ascende, contempla mais visões e recebe assim revelações. Os três primeiros níveis



celestes não parecem ter importância para o autor do ApPaulo. É a partir do quarto céu que as visões começam a ser descritas.

O conteúdo destas visões também aproxima o nosso texto da literatura apocalíptica judaica. Paulo contempla cenas de julgamentos de almas, bem ao estilo escatológico da literatura apocalíptica. Em breve esta comunicação tratará dos paralelos entre essas cenas de julgamentos de almas no ApPaulo e um texto judaico chamado *Testamento de Abraão*.

De qualquer forma, a visão mais interessante parece ser a contemplada pelo apóstolo no sétimo céu. Apesar de algumas lacunas, a visão do ancião resplandecente se assemelha muito a descrição feita de Deus por alguns apocalipses judaicos, notadamente Daniel e 1En. Vejamos primeiramente estas duas descrições para depois procedermos a descrição e comentário da visão do ancião no ApPaulo.

Primeiramente, a visão de Daniel:

*Eu continuava contemplando, quando foram preparados alguns tronos e um Ancião sentou-se. Suas vestes eram brancas como a neve; e os cabelos de sua cabeça, alvos como a lã. Seu trono eram chamas de fogo com rodas de fogo ardente.*⁴⁶

E a de 1En⁴⁷:

At that place, I saw the One to whom belongs the time. And his head was white like wool (1En 46:1). In those days, I saw him - the Antecedent of Time, while he was sitting upon the throne of his glory, and the books of the of the living ones were open before him. And all his power in heaven above and his escorts stood before him (1En 47: 3-4).

⁴⁶ Dn 7:9.

⁴⁷ Cf. James H. Charlesworth (ed.). *The Old Testament Pseudepigrapha*. Vol.1. New York: Doubleday & Company. 1983.



Agora, o trecho do ApPaulo:

[Nós subimos] *ao sétimo céu*. [Eu vi] *um ancião [...] a luz. [...] branco [...] no sétimo céu [...] da luz sete vezes mais que o sol*⁴⁸.

Apesar das lacunas presentes no trecho, pode-se perceber o essencial: Paulo, ao chegar no sétimo céu, depara-se com um ancião, portanto algo branco (o cabelo, ou as roupas) e que brilha sete vezes mais que o sol. Um brilho tão intenso, que Paulo já podia deslumbrá-lo do sexto céu⁴⁹.

A semelhança com as descrições anteriores é patente. E ainda, na apocalíptica judaica, o sétimo céu é normalmente entendido como o local que Deus habita. O autor do ApPaulo, mesmo sem dizer explicitamente, demonstra que no sétimo céu encontra-se o Demiurgo, o deus do Antigo Testamento, descrito por outros apocalipses como um ser glorioso e resplandecente, sentado em um trono de fogo, e venerado por seus arcontes. Para MacRae e Murdock, este trecho trata-se de uma polemica anti-judaica feita pelo nosso autor⁵⁰. No entanto, a meu ver, este comentário de MacRae e Murdock é um pouco exagerado. Esta identificação do ancião no sétimo céu é apenas uma demonstração das crenças gnósticas de que o deus das Escrituras seria um deus inferior. Tal posição inclusive, se contrapõe não somente a teologia judaica, mas ainda a teologias cristãs ortodoxas, como a defendida por Irineu.

Na continuação do encontro de Paulo com o ancião, este último dirige a palavra ao apóstolo questionando-lhe sobre

⁴⁸ NH, V 2 - 22:24-30.

⁴⁹ 22:17-18.

⁵⁰ Robinson, op.cit. p.257.



seu destino, ou seja, aonde ele pretende ir com a ascensão. Guiado pelo Espírito, Paulo dirige a palavra ao ancião.

Segue o trecho:

O ancião tomou a palavra e disse-me: 'Aonde tu vais, Paulo, bem-aventurado? Tu que foste separado desde o ventre de tua mãe'. E eu, eu olhava em direção ao Espírito e ele sinalizou-me com a cabeça dizendo-me: 'Fale com ele!' E eu tomei a palavra e disse ao ancião: 'Eu vou ao lugar do qual eu saí'. E o ancião respondeu: 'De onde és?' Eu tomei a palavra também e disse: 'Eu descerei ao mundo dos mortos a fim de fazer cativo o cativo, aquele que foi feito cativo no cativo da Babilônia'.⁵¹

Paulo explicita nesse trecho a missão que lhe foi designada: descer ao mundo dos mortos, ou seja, o mundo físico, a criação do Demiurgo, para "fazer cativo o cativo, aquele que foi feito cativo no cativo da Babilônia". O nosso texto ainda menciona a Babilônia, ícone de lugar ímpio no judaísmo e cristianismo. Este trecho é especialmente interessante. Há aqui uma espécie de inversão do tema apocalíptico. Normalmente, é o visionário que recebe a revelação de uma figura celeste, aqui, no entanto, é Paulo quem faz uma revelação a esta figura celeste, o deus das Escrituras, aquele quem na verdade, deveria ser a fonte de todas as revelações na apocalíptica judaica.

Outro trecho que apresenta paralelos na literatura apocalíptica judaica é o trecho compreendido entre as páginas 20 e 22 do manuscrito, na qual o nosso visionário descreve as visões do julgamento de almas no quarto e quinto céu. Este trecho apresenta paralelos com o texto judaico conhecido como *Testamento de Abraão*⁵². O trecho em

⁵¹ 23, 2-17.

⁵² Mesmo se não considerarmos o *Testamento de Abraão* como um apocalipse, podemos ao menos considerar que ele possui uma porção apocalíptica, a partir do cap.9 da recensão B.



questão do Testamento de Abraão é longo, portanto, selecionei algumas partes. Ele trata da visão por parte de Abraão do julgamento das almas.

Segue o trecho:

And as Abraham was standing and marveling, behold (there was) an angel of the Lord driving six myriads of souls of sinners to destruction [...] And when they went, they found an angel holding in his hand one soul of a woman from among the six myriads [...] Then Michael took Abraham onto a cloud, and he brought him to Paradise. And when he reached the place where the judge was, the angel went and gave that soul to the judge. The soul said, 'Have mercy on me, lord'. And the judge said, 'How shall I have mercy on you, since you did not have mercy on the daughter whom you bore [...] The judge commanded the one who writes the records to come. And behold, [there came] cherubim bearing two books [...] And that man opened one of the books which the cherubim had and sought out the sin of the woman's soul, and he found it. [...] Then they took her too and handed [her] over to the tortures⁵³.

E agora, o trecho do ApPaulo:

[...] e eu vi anjos segundo sua espécie {...} trazendo uma alma de fora da terra dos mortos. Eles colocaram-na no portão do quarto céu. E os anjos acoitaram-na. A alma tomou a palavra e disse: 'Que pecado eu cometi no mundo?' O coletor de impostos que está sentado no quarto céu disse: 'Não é correto cometer todas essas iniquidades que estão no mundo dos mortos'. A alma tomou a palavra e disse: 'Traga testemunhas e que elas te informem contra que corpo eu cometi iniquidade'. '[Eu quero] trazer um livro para lê-lo'. E vieram as três testemunhas. A primeira tomou a palavra e disse: 'Não era eu quem estava no corpo na segunda hora? [...] Eu ergui-me contra ti até que tu estivesses com raiva furioso e com inveja'. E a segunda tomou a palavra e disse: 'Não era eu quem estava no mundo? E eu vim na quinta hora, e eu te vi e eu te desejei. E eis que agora eu te acuso devido aos homicídios que

⁵³ O texto em questão é a recensão B. Cf. Charlesworth, *OTP* 1.



praticastes'. Então, a terceira tomou a palavra e disse: 'Não fui eu quem foi até ti na décima segunda hora do dia, quando o sol se punha? Eu te dei escuridão até que tivesses completado teus pecados'. Quando ela escutou tais coisas, a alma olhou para baixo entristecida. E então, ela olhou para o alto; ela foi jogada para baixo; a alma, uma vez que foi jogada para baixo [foi] a um corpo que [lhe] tinha sido preparado. E eis que o julgamento terminou⁵⁴.

E ainda:

E eu vi um grande anjo no quinto céu que possuía um cajado de ferro em sua mão, havia outros três anjos com ele; e eu olhava para suas faces. E eles discutiam entre si, carregando chicotes e levando as almas para o julgamento⁵⁵.

Como podemos ver, estas cenas do ApPaulo apresentam várias similaridades com o trecho anterior do *Testamento de Abraão*. Em ambos os textos encontram-se anjos levando almas para serem julgadas, bem como um julgamento. E outro paralelo: durante o julgamento, um anjo lê os pecados da alma que estão escritos em um livro.

O ApPaulo é um escrito que sem dúvida foi construído com alusões a outros textos judaicos, como os citados Daniel, 1En e o *Testamento de Abraão*. Ao mesmo tempo, a utilização de textos bíblicos, 2Co e Gl, como pré-texto, é uma hipótese aceitável e coerente.

A meu ver, o ApPaulo foi composto utilizando tais alusões a estes textos claramente de propósito. Não é absurdo pensar que textos como Daniel, 1En e o *Testamento de Abraão* fossem conhecidos nos ambientes judaicos e cristãos do séc.II, e que fossem largamente utilizados e consumidos por essas comunidades. Portanto, nosso autor, ao se utilizar de elementos semelhantes aos que aparecem

⁵⁴ 20:5-21; 23.

⁵⁵ 22:2-10.



nestes textos, evidentemente foi compreendido. Como no caso do ancião no sétimo céu, nosso autor não precisou mencionar que ele é o deus das Escrituras, quem quer que conhecesse os textos apocalípticos judaicos seria capaz de compreender de quem se tratava.

Portanto, a utilização de elementos apocalípticos, bem como de alusões a textos apocalípticos judaicos concretos, pode ser entendida como um artifício retórico do nosso autor. Assim como a pseudonímia, o uso destes elementos apocalípticos denota ao texto certa autoridade frente a um público leitor específico, as pessoas que conheciam a apocalíptica. No entanto, este uso dos estereótipos da apocalíptica pelo autor do ApPaulo demonstra ironia e até mesmo um certo deboche. O nosso autor inverte certos motivos da literatura apocalíptica. Bons exemplos são: o discurso com o ancião do sétimo céu, no qual Paulo lhe faz uma revelação, ao invés de receber uma, demonstrando inclusive certa superioridade a este deus das Escrituras; a cena do julgamento, na qual Paulo contempla primeiro um julgamento, para depois, no nível celeste seguinte contemplar anjos levando uma alma para ser julgada⁵⁶; e por último a própria visão do deus das Escrituras no sétimo céu, aquilo que normalmente seria o clímax de um apocalipse, torna-se no nosso texto somente parte do caminho para chegar ao décimo céu.

Os especialistas tendem a dizer que o gênero literário apocalíptico não era reconhecido e rotulado na antiguidade. Entretanto, textos como o ApPaulo oferecem indícios para se pensar o contrário, ao menos no tocante ao séc.II em diante. Uma leitura atenta do ApPaulo passa a impressão de

⁵⁶ Uma possível interpretação seria que as almas são barradas no quarto céu para serem julgadas, e aquelas que conseguem escapar, passando para o quinto céu são presas pelos anjos e levadas ao quarto céu novamente, para serem julgadas.



que o nosso autor queria realmente escrever um apocalipse, uma revelação. Utilizando a expressão de Michael Kaler, como se ele tivesse se levantado de manhã e pensado: "Hoje vou escrever um apocalipse".